

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

---

# Revista Portuguesa de História

TOMO XIII

HOMENAGEM AO DOUTOR PAULO MERÊA

VOLUME II



COIMBRA / 1971

## Em torno das origens de Viseu

*Ao Senhor Professor Paulo Merêa, em testemunho de profundo apreço intelectual e humano.*

Segundo AMORIM GIRÃO, na primeira e ainda meritória monografia geográfica da evolução de uma cidade portuguesa (1), a gênese de Viseu parece solicitada por dois elementos, de certo modo contraditórios: um sítio castrejo, alcandorado, e o lugar plano, nas margens de um ribeiro, onde se fazia o cruzamento de várias vias romanas; a estes elementos (corresponderiam dois pólos no desenvolvimento da povoação que, desde a origem, 'aparecia (desdobrada entre eles. Os dados que se apoia tal reconstituição, largamente conjectural, foram apresentados sob forma de conclusões seguras e, como tal, aceites num «esboço» recentemente dedicado a Viseu pelo geógrafo alemão KARL HERMES (2). Afigurou-se-me, pelo contrário, que uma análise cuidadosa levará a interpretá-los de maneira diferente.

### I

Nas linhas gerais, a região de Viseu é um planalto granítico, situado em torno de 500 metros, um tanto (dissecado pelo (encaixe da rede hidrográfica, um tanto degradado pelo rejuvenescimento lento, que deixaram aqui e ali rugosidades (coroadas pelos 'caos de

(1) A. DE AMORIM GIRÃO, *Viseu. Estudo de uma aglomeração urbana*. Coimbra, 1925, 104 pp. — O leitor pode seguir as referências topográficas pelas plantas deste autor ou, melhor, pelas duas insertas na *Guia de Portugal*, 3.º vol. A parte velha da cidade, assim como uma planta evolutiva, são (reproduzidas no meu art. cit. na nota 28.

(2) K. HERMES, «Visieu. Geographische Skizze einer portugiesischen Landschaft», *Geographische Zeitschrift*, Wiesbaden, t. 23, 1965.

blocos tão característicos dos cimos da nossa paisagem granítica. A essas rugosidades de posição, mais comuns, acrescentam-se alguns relevos de dureza, constituídos por espessos filões de quartzo ou por diferenciações na composição geral da massa eruptiva, geralmente de grão mais fino e de textura menos susceptível à alteração (rochas do tipo dos aplitos e pegmatitos). Muitos destes cimos albergaram certamente povoações pré-romanas, com as respectivas defesas. O monte da Senhora do Crasto (613 m) conserva o nome e restos de muralhas de pedra solta que perpetuam o castro que o coroou; no alto de Santa Luzia I (633 m), correspondente à saliência dum possante filão id\* e quartzo, podem ver-se ainda panos de muros de terra batida. Ambos estes relevos, que sobressaem vigorosamente na relativa regularidade do planalto de Viseu, constituem sítios defensivos, escarpados e isolados, ambos também desfavoráveis, pela exiguidade, ao desenvolvimento dum povoação. A colina onde assenta a cidade, mais modesta (483 m), pertence sem dúvida a este tipo de povoações que a romanização, com a descida para as baixas, o desenvolvimento da agricultura, a paz e a ordem, faria abandonar. Das aldeias actuais nenhuma se encontra em lugar alto e várias delas, pelo contrário, se desenvolveram na base dos outeiros próximos: Esculca e Santiago, perto do alto da Esculca, Vila Nova, o Campo e Maure da Madalena, junto de Santa Luzia; no sopé imediato da Senhora do Crasto, pelo contrário, não existe povoação e o monte, com a ermida, aparece no meio de pinhais, num lugar ermo e agreste. Este tipo de povoamento entra no quadro geral da evolução humana do Norte do País, onde subsistiram apenas uma ou outra das povoações que, sem as suas defesas, passavam de simples lugar rural a vila ou a pequena cidade. Podem ver-se, no núcleo antigo de Viseu, a muralha das traseiras da Sé e a porta do Soar, situada no lugar mais alto da cidade do século xv, assentarem sobre enormes rochedos graníticos arredondados, que a construção não destruiu nem removeu; no vasto edifício anexo à igreja da Misericórdia, fronteira à Sé, eles estão incluídos nos baixos, do lado da ladeira, e podem observar-se no interior dum as sentinas públicas aí instaladas. A parte mais elevada da cidade teria assim a mesma fisionomia irregular dos cimos naturais, antes de serem afeitos pelos lados e terreiros que articulam os seus arruamentos.

De quando se pode datar aí o povoamento? Na base da sillharia do lado sul da Sé e do paredão em que assenta a galeria coberta,

desafrentada pela demolição dos 'Casebres que se encostavam a ela, tanto se 'encontram pedras com sinais de canteiro medievais como com as marcas do *forceps* romano; muito recentemente, uma chapada de cimento ocultou um resto de aparelho, com a aparência de *opus incertum*, sobre que aissemfca o torreão da abside, no qual, a par de pedras novas, foram aproveitados materiais de construção anteriores, incluindo uma ou outra pedra almofadada, (3). Assim, parece fora de dúvida que os Romanos utilizaram e fortificaram um dos castros da região, ao passo que os outros se arruinavam pelo abandono e o povoamento rural se desenvolvia (nos lugares abrigados e favoráveis à agricultura dos fundos e das encostas. Local de habitação sem dúvida modesto, A. GIRÃO supõe-lo atestado numa referência tardia, sob o nome de *Castro Vesense*, evocativo da sua origem — suposição que não parece passar dum equívoco. (4).

(3) O aparelho romano é mais quadrado e irregular, o medieval mais rectangular; o posterior é liso e as pedras assentam e encostam perfeitamente. Um ou outro trecho são sugestivos de um pano de muro romano refeito — em tal quantidade foram as suas pedras incorporadas na nova construção\* Meu filho Manuel Ramos Ribeiro, com o seu gosto da Arqueologia Clássica, ajudou-me a interpretar estes vestígios.,

(4) A. GIRÃO refere, sem citar o volume e a página, a menção de *Castro Vesense* na *Historia Sítese*, publicada por FLOREZ. Esta famosa crónica da Reconquista foi escrita por um monge, em Leão, na Igreja de Santo Isidro, entre 1109 e 1118. O passo em questão é o seguinte: «Hic genuit Adefomsum in ecclesiis et pauperes Christi misericordie visceribus satis affluentem, atque barbarorum et eorundem civitatum Strenuissimum expugnatorem. Verum legem Dei zelando, cum barbaricam 'superstitiosam sectam maximo odio propulsaret, apud castrum Visensem (fertur quosdam Mauros ferro, fame inclusos tenuisse. In qua expeditione ipse nimia estate sola linea interula indutus, dum prope menia civitatis spaciando super equum resideret, a quodam barbaro insigni baleario 'emissa de turre sagitta, percussus est; ex quo vulnere ad extrema perductus, superstibus liberis Veremudo et Sancia puella, spiritum, ut credimus, Deo reddidit». Na tradução de M. GÓMEZ-MORENO: «Este engendrou a Afonso, bem abundante em vísceras de misericórdia com as igrejas e pobres de Cristo e expugnador valentíssimo dos bárbaros e das suas cidades. Mas zelando a lei de Deus, como rechaissasse a supersticiosa seita bárbara com grande ódio, conta-se ter tido encerrados a certos Mouros com ferro e fome no *castelo de Viseu*; em cuja expedição, vestido, por causa do forte calor, só com uma camisa de linho, enquanto estava passeando a cavalo cerca das muralhas da cidade, foi ferido com flecha de uma torre por certo bárbaro, insigne frecheiro, por cuja ferida chtegeadJo ao fim, e deixando como filhos Bermudo e Sancha, donzela, entregou o seu espírito a Deus, segundo cremos». A expressão é

Este sítio genético possuía a dupla vantagem do escarpado, que as mas actuais gallgam por três lados, em ladeira ou escadaria, e da proximidade do rio — modesto acidente que podia facilitar a defesa. Na falta de textos, apenas apoiados em restos arqueológicos que nunca foram objecto de escavações ou sequer de prospecção sistemática, pode conjecturar-se a existência dum povoado na época romana — ou antes dum castro que teria persistido e onde se ergueu um muro de defesa, de pedras bem aparelhadas e não apenas sobrepostas como na maioria das ruínas castrejas. A cantaria romana seria posteriormente aproveitada na construção da Sé ou nalgum novo lanço de muralha de protecção. Vis'eu nasceu, assim, no morro onde ainda se consieirva o seu núcleo primitivo. Este é, provavelmente, o mais antigo vestígio dum aglomerado a que as vantagens do sítio e da posição iriam favorecer o desenvolvimento: povoado (insignificante, a que nenhum texto antigo menciona o nome, no centro duma área -habilitada, onde se encontrou uma dezena de inscrições latínais<sup>(5)</sup>).

## II

AMORIM GIRÃO pensou, por outro lado, poder reconstituir o traçado e o cruzamento dum importante sistema de vias romanas, a que não existe, note textos clássicos, qualquer alusão. Infelizmente os elementos em que se apoia são frágeis e inseguros: restos de calçadas de grandes lajes, de largura variável, as (designações genéricas de *estrada velha* e de *carreira Acarraria* = caminho de carro), referências tardias em textos medievais. Uma única, das oito que

clara e vê-se, ipelo contexto, designar, de facto, o «castelo» de Vrsieu e não um castro pré-romano, ou romanizado, que, como tal, tivesse conservado individualidade. — V. *Historia Sítense*, edição preparada por J.F. SANTOS ICOCO, Madrid, 1921, 111 p.; *Introducción a ta Historia Sítense*, por M. GÓMEZ-MORENO, Madrid, 1921, 138 p. — (Agradeço ao meu colega L. Lindeley Cintra a comunicação da melhor edição e tradução desta crónica.

(5) (Apenáis subida suave do lado do Rossio (pelas ruas do Soar de Cirna e de Baixo) e dia (Rua do Comércio).

(6) MAXIMIANO PEREIRA DA FONSECA E ARAGÃO, *Viseu (Apontamentos históricos)*, vol. I, Viseu, 1894, pp. 85-91. IAS inscrições foram encontradas, e referida» por vários autores aí citados, na cidade e arredores; o assunto precisa de ser revisto por epigrafista competente.

aponta (7), é incontestavelmente romana, com muitas milharias, que o autor (descobriu e não deixou lugar às dúvidas (8) : dirigia-se para Águeda, onde iria entroncar na grande via do ocidente, que (punha em comunicação várias cidades importantes, de Lisboa a Tui, segundo um traçado de que o mtinho-de-ferro não se afastará muito. Esta talvez essa estrada que atravessava o Pavia junto de Vildemoinhos, na ponte da Arrenha, de arco de sela de aspecto romano, que um rico local (pretende ter mandado «fazer» (antes refazer) no século xviii, conforme indica uma inscrição na base do cruzeiro próximo, esse, de facto, levantado na época (9) ; no mesmo alinhamento, encontram-se, nos pinhais entre Ranhados e Repeses, restos de calçada, alguns sobre-elevados e assistentes 'em aparelho, quando o terreno o exige. Esta via atravessava o Dão, talvez no lugar da

(7) Na realidade quatro, pois elas cruzavam-se em Viseu mas tinham outra origem ou destino.

(8) *Olb. cit.*, pp. 13-17. Os miliários foram encontrados em Reigoso (um e o fragmento de outro) e nas Benfeitas (dois completos), povoações do concelho de Oliveira de Frades, todos com inscrições, mas apenas um com indicação da 26.ª milha, que A. GIRÃO supõe contada a partir de Viseu; se é correcto o seu cálculo, é óbvio que só este -se encontra no lugar!

(9) José COELHO, *Memórias de Viseu (Arredores)*, I, Viseu, 1941, pp. 52-53, erudito professor do liceu de Viseu (a quem as injustiças sofridas parecem ter estimulado a actividade!), leu a inscrição do seguinte modo:

ESTE CRUZEI  
RO E PONTE  
MANDOU  
FAZER A SU  
A CUSTA O AR.  
AGO  
  
DE PIND.º FR.  
COELHO DE  
CAMPOS P. A.

identificando o Arcediago de Pindelo, que assinou actas do IGabido da Se de 1733 a 1767 — datas limites muito prováveis da reconstrução da ponte. O mais curioso é que o autor aceita sem reservas o testemunho da inscrição (construção e não refazimento) e, por isso, rejeita uma ponte com mais aparência romana do que muitas outras referidas como tais. Recorde-se apenas que a imponente ponte de Alcântara, -sobre o Tejo, construída à ordem de Trajano em 10-6, que «durará enquanto o mundo dure», segundo pretende uma das inscrições comemorativas da sua construção, foi por três vezes cortada e refeita, sem alteração sensível da sua traça primitiva.

bela ponte de Aloafacbe, que dáta ido século xvii ou xviii, tal como a charruada «ponte romana» (Ponte (die Pimooa) logo a jusante. Foi na continuação desta mesma via, entre os profundos entalhes do Dão e do Mondego, que JOSÉ COELHO<sup>(10)</sup> encontrou, em Abruinhosa-a-Velha, mais miliários: dois com inscrições, outro picado (portanto dois, pelo menos, fora ido lugar) ; apenas om deles 'conserva a indicação da milha 18.<sup>a</sup>, que o autor supõe contada a partir de Viseu por 'corresponder sensivelmente à distância desta aldeia àquela cidade. A esta mesma estrada, mas no sentido oposto relativamente a Viseu, pertencem mais dois miliários achados pelo mesmo, junto de Mozelos, com a indicação das milhas 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup>, que supõe também contadas a partir de Viseu mais que não podem corresponder à posição deste lugar, perto de Santa Luzia, a menos de uma milha da cidade. A maior parte deste preciosos testemunhos, alguns utilizados posteriormente como esteios, estão visivelmente deslocados, embora balizem, *grosso modo*, o mesmo rumo. (Parece assim provada a existência duma estrada que, do interior, conduzia à grande via do litoral passando por Viseu e o vale do Vouga. Embora não figure no *Itinerário* de Antonino, era dia, provavelmente, a mais directa comunicação entre Mérida e Braga. O trecho que atravessa o planalto da Beira Alta, passando por ou perto de Viseu, foi conhecido por «Estrada dos Almocreves» e utilizado até à *viação moderna*. Quanto às estradas restantes que irradiam da cidade (seis segundo A. GIRÃO, onze seguindo J. COELHO, utilizando os mesmos (critérios heterogêneos), algumas (ou alguns trechos delas) poderão datar da época romana, mas ia maioria parece resultar, pelo (contrário, da importância que tomou Viseu, como diocese sueva e visigótica e como centro dum *território* na Reconquista<sup>(11)</sup>).

(10) *Ob. cit.*, pp. 375-377, 413-414.

(11) Cf. MOREIRA DE FIGUEIREDO, «Subsídios para o (estudo da viação romana das Beiras)», sep. die *Beira Alta*, Viseu, Setembro de 1953, 126 pp., fot. <e gravura. Trabalho feito 'sem qualquer crítica e apenas com a preocupação de multiplicar as viações romanas em tomo das principais povoações actuais. Qualquer referência de autor moderno, sem autoridade, é tomada como uma atestação; qualquer «calçada» é tida como romana. Donde resulta que de Viseu (suposta fundação romana) divergem catorze vias, da Guarda, povoação fundada na Reconquista e que logo adquiriu importância no fim do século XII, parte oito. O mapa parece diecalcado no dos caminhos actuais, pois não há cidade, vila ou mesmo aldeia de certa importância que não seja servida por via principal ou ramal desta; como se todas as povoações existissem já, na época romana, com a (hierar-

As lajeiras de granito encontram-se em todas as regiões onde o granito ministra a matéria prima e o uso de bois predomina como meio de transporte. Apenas a título de exemplo, pode demonstrar-se a modernidade de um belo trecho de calçada nos arredores de Viseu: o que se dirige ao pórtico do adro do convento de Orgens, edificado nos meados do século xv e reconstruído no século xvii. Partindo dum arco feito ou refeito em 1828, dá acesso ao adro, mas termina em escadaria, um tanto obliquamente à fronteira da igreja: a largura do pavimento é de 4,50-4,60 m. — sensivelmente superior à de outras calçadas das proximidades! A largura das estradas romanas não excede quatro metros; além disso, esta calçada não poderia suportar aproveitamento dum elemento viário anterior, incorporado no conjunto monumental do mosteiro, pois fica «suspensa» à beira do fundo entalhe da ribeira de Quintela, que corre numa garganta de 50 metros. A utilização de grandes lajes conserva-se até nas passadeiras de calçamento de algumas ruas velhas da cidade: podiam ver-se, há quarenta anos, na Rua Direita e existem ainda em ruínas de trás da Sé, atravessadas recentemente por sulcos para, em tempo húmido, as tornar menos escorregadias <sup>(12)</sup>.

quia que têm hoje! Este laborioso inventário, se é exacta a 'reconstituição dos traçados (do que é ilícito duvidar dada a heterogeneidade do material coligido), importaria essencialmente à reconstituição dos «caminhos velhos», anteriores à viação moderna. Um reconhecimento sistemático implica a exumação completa dos trechos melhor conservados, para se medir a largura das «calçadas», e a escavação lateral delas, para se examinar a natureza do aparelho em que assentam. Como provavelmente a técnica persistiu, degradando-se com o tempo, a caixa do pavimento será cada vez mais grosseira até desaparecer, sendo as lajes colocadas directamente no terreno; a largura das calçadas medievais e modernas parece também mais variável que a das antigas.

<sup>(12)</sup> Nos trechos conservados da calçada «romana», à saída de Ranhados em direcção ao Espadanai, medi entre 3,50m e 3,70; na calçada velha que parte de junto da Ciava em direcção a Abravezes, entre 3,10m e 3,30. A ponte da Azenha, que considero romana pela forma e por estar na direcção da única via balizada por miliários, tem 3 m de largo, no pavimento, mais meio metro com as guardas. Um carro de bois tem geralmente 1,40 de largura (entre os cubos do eixo); dois podem assim cruzar-se nas calçadas. Já para os servir, já pela facilidade em obtenção de lajes de granito, estas terão sido construídas até que a moderna viação e o alto custo destes trabalhos rurais as pos completamente de lado, arruinando-se pouco os trechos ainda conservados ou preservando-se pelo recurso a novas estradas e caminhos carroçáveis. A calçada é inacessível à bicicleta, ao automóvel e às motorizadas, que podem, pelo contrário, servir-se de

Sem sair do campo das 'conjecturas, e levando a extremos o escrúpulo crítico, pode estranhar-se que, se efectivamente existiu perto de Viseu um 'cruzamento importante de vias romanais, ele não desse origem a qualquer povoação de relevo; que, se tal povoação se tivesse formado, nenhuma referência lhe seja feita. Estes argumentos negativos permitem interpretar a chamada Cava de Viriato como uma fortificação levantada num descampado para protecção das tropas que se deslocassem pela estrada próxima — a contraprova da mudez dos textos relativamente à existência de qualquer aglomeração<sup>13</sup>'. E também, pela sua importância militar, certamente o ponto de origem da contagem de milhas que A. G. IRÃO e J. COELHO referiram à «cidade» de Viseu.

### III

A Cava <sup>(14)</sup> é formada por um muro de terra de perfil trapezoidal e com o traçado dum octógono, com mais de 2 km. de perímetro, que fecha uma área plana de cerca de 38 ha; a regularidade de construção é perfeita, embora, pelo estado de conservação, seja variável a altura actual dos muros (menos de uma dezena de metros na

caminhos de terra, depois de alisados. As calçadas ficam assim, (pela maior parte, à margem da circulação dos nossos dias; quando muito, anda-se por 'dias a pé (como vi, ao fim da tarde, junto de Ranhados: uma dúzia de pessoas em meia hora).

<sup>(13)</sup> Convém advertir que em quase todos os sítios onde são abundantes as ruínas de povoações romanas se conhece qualquer referência ao «seu nome latino ou pré-romano; mas que é 'ainda conjectural a situação de povoações mencionadas em textos (Tiafabriga, por exemplo) ou a sua correcta identificação com os lugares que lhes sucederam e lhes perpetuaram o *ubi* (vários exemplos no Algarve). O caso de Viseu seria único: uma aglomeração a que se não sabe o nome, num centro importante pelo povoamento, pelas linhas de circulação, por inscrições e restos de muralhas. O que não fala a favor da reconstrução conjectural tentada por AMORIM GIRÃO: se efectivamente se cruzaram vias romanas era natural que a encruzilhada se fizesse ao abrigo dos muros de defesa e não se fosse levantar, em lugar próximo, nova cerca; se esta fosse mais antiga, para que se construísse a Cava?! A existência dum povoado, cercado de muros rectangulares, no lugar da Regueira, parece destituída de fundamento. Adiante procurei esmiuçar o assunto.

<sup>(14)</sup> A ligação da Cava às lendas de Viriato parece datar do século XVI e não tem qualquer fundamento.

parte bem conservada) ; três lanços estão destruídos ou quase, reconhecendo-se ainda parte do seu traçado, por onde abusivamente se foram alargando as terras de sementeira confinantes; dois deles conservam restos do fosso exterior que, às vezes, mo tempo idas chuvas, ainda se alaga (o Poço 'da Cava) ; outros dois, cujo fosso foi aterrado no fim do século xix, bordados de magníficos plátanos e com bancos de pedra, constituem, a partir da mesma época, um passeio sombreado e aprazível <sup>(15)</sup>. Estes dois lanços limitam o Campo da Feira, e ao pé deles se junta o gado bovino, fora do perímetro ocupado pelas barracas; os restantes dão para o campo e, por cima, tanto do lado de dentro como de fora, correm caminhos rurais <sup>(16)</sup>. Até hoje, nenhum achado arqueológico importante se fez no interior do perímetro e os muros não foram sequer objecto de simples prospecção; não existindo qualquer texto clássico que se lhe refira, não se conhecendo, entre tantos acampamentos romanos, nenhum de forma semelhante, a Cava permanece um «enigma» que os arqueólogos não souberam ainda resolver. Mais, anteriormente às primeiras referências medievais que lhe são feitas, só os engenheiros romanos seriam capazes de planear ie levantar uma obra de tal regularidade: são laissim destituídas de fundamento as hipóteses duma construção lusitana, erguida durante as lutas pela liberdade, dum entrincheiramento do período bárbaro ou da Reconquista, quando se havia obliterado a tradição dos acampamentos militares perfeitamente ordenados, ou duma espécie de gigantesco curral no caminho dos rebanhos transumantes que, idas faldas da Estrela, se dirigem para o Montemuro, uma vez que rústicos pastores o não saberiam construir com tal regularidade.

<sup>(15)</sup> «A Cava de Viriato», *O Arqueólogo Português*, vol. IX, Lisboa, 1904, pp. 11-16; MENDES CORRÊA, *História de Portugal*, de Barcelos, t. I, 1928, pp. 211-214. A Câmara Municipal procurou, em 1818, salivar a Cava da destruição oipemada pelo alargamento idas terra® de lavoura, delimitando com marcos o circuito externo ie interno dos muros: alguns deles ainda existiam no fim do século passado. Cf. MAXIMIANO DE ARAGÃO, *ob. cit.*, I, p. 40.

<sup>(16)</sup> São confusas as notícias de «portas da Cava», guarnecidas de cantaria e de seteiras, que chegaram ao século XVII. Um autor coevo diz «que para dentro dela se entra por quatro aberturas de alto a baixo nos mesmo® muros», que conduziam a outras tantas povoações dos arredores (ARAGÃO, I, pp. 49-52). São certamente os caminhos rurais que ainda hoje ladeiam e atravessam a 'Cava ; e as «aberturas» não seriam «portas» mas 'apenas interrupções no circuito, como actualmente existem.

Ao contrário de Leão, nascida do acampamento da vil Legião, que lhe deu o nome, ou de Caceras, desenvolvida nas proximidades doutro, nada permite supor que Viseu tenha sido, na época romana, povoação sequer ide modesto relevo. Creio que reside neste facto a explicação da Cava: se uma via importante atravessava um des-campado, pareceu conveniente, numa área ainda não pacificada e ameaçada pela gente irrequieta e movediça que, provavelmente, se lacoitava ainda nos castros próximos, garantir aos lexércitos o abrigo de muros regulares mas de construção expedita, que a paz romana viria a tomiar inúteis. As muralhas do acampamento da vil Legião tinham quatro portas de silbaria e panos construídos com rebolos alternantes icom ladrilho: destinadas a abrigar uma aglomeração adrede fundada, vão constituir, flanqueadas de torreões redondos, a Cerca medieval, onde se contém o casco antigo da capital leonesa. Na parte conservada da Cava não se conhecem portas, fozendo-se provavelmente o acesso pelas próprias rampas de defesa. No conjunto da cidade de Viseu, ela é um elemento excêntrico, que parece ter-se conservado sempre à margem da estrutura urbana. O interior está completamente ocupado por quintais; nele penetram alguns dos caminhos rurais, por onde insensivelmente as casas de estilo urbano se vão espacejando e dissolvendo no campo. Apenas num dos lados ia expansão da periferia urbana ultrapassa um lanço de muro demolido <sup>(17)</sup> ; nos dois outros, aquele talude vago, ajardiniado em 1892, constitui o limite do grande terreiro excêntrico 'do Campo da Feira — onde, pelo seu desafogo, acabou por fixar-se o «Rossio» *funcional* ida cidade <sup>(18)</sup>.

#### IV

Sugestionado pela sua suposta descoberta dum importante sistema da viação romana, A. GIRÃO pretende encontrar-lhe um nó. «Onde se cruzavam, entretanto, as vias romanas que tanta influência

<sup>(17)</sup> Parece que o motivo imediato desta demolição foi a existência, dentro da Cava, duma fábrica de vidro alimentada ipelo quartzo do possante filão que constitui o monte de Santa Luzia; para seu sert viço se arrasou o ângulo oeste do muro. J. COELHO, *ob. cit.*, p. 427, n. 1.

<sup>(18)</sup> Sobre o sentido deísta expressão v. O. RIBEIRO, *Dicionário de História de Portugal* dirigido por JOEL SERRÃO, S. r. «Cidade».

exerceram ma aglomeração urbana viseense? Baseiaido no exame da directriz que 'essas vias apresentam iem pontos vizinhos ida cidade, já dissemos que o referido 'cruzamento devia fazer-se em local inão muito afastado 'do actual Largo dias Freirás. iMas, não fidaria nos documentos antigos qualquer informação que ipossia corroborar essa, aliás bem fundada, conjectura? É o que passamos a vier. Lenido as *Inquirições* de D. Tieresia ide 1127, documento de incontestável valia para o 'estudo dias antiguidades viseenses, depara-ise-nos o passo seguinte: «...*et in Ribas de Pavia una leira de terra... et illo terreno qui jaze ad illas incruziladas de sua rua...*» (19). O termo «*incruziladas*» contido nesta passagem, e por VITERBO registado mo *Elucidário*, designa presumivelmente o ponto de cruzamento das estradas romanas ide Viseu. E o qualificativo de «*sua rua*», dado a tais encruzilhadas, pode lajudar-uos, em certo modo, na necessária identificação. «*Sua rua*», que traduziremos por «*sobre a rua*» (análogamente à designação tão conhecida em Coimbra 'de *Rua de Sub-Ripas — Rua de Sobre-as-Ribas*), indica-nos que êsse 'Cruzamento de Caminhos se fazia «sobre a rua» ou petto Ida rua. E esta rua —» nome que só poderia aplicar-se a uma artéria de circulação com casas *arruadas* — pode ser aquela mesma *via pública* a que se alude na doação feita por D. Henrique e D. Teresa à Sé ide Viseu em 1110, a qual parece corresponder ao caminho que não há muito seguia encostado ao quintal da Ex.<sup>nui</sup> Senhora D. Maria do Céu Mendes, pelo laido do Norte, em direcção 'ao portão de Font elo» (L>0).

Froponho-ime, noutro lugar, fazer o 'estudo da Inquirição de D. Tieresa e procurou extrair dela, confrontando-a com outra informação histórica e a observação actual, as preciosais informações que contém relativamente à cidade e ao seu aro rural. De momento, observarei apenas que o texto aduzido por A. GIRÃO refere uma «*encruzilhada*», isto é, no mínimo, o encontro de dois caminhos que se cortavam perto duma «*rua*», ou seja duma correnteza de casas, possivelmente na icontinuação dum desses caminhos. Rigorosamente romana, apenas se apurou uma via; mo começo Ido século xn, a Inquirição menciona duas ((podendo, é evidente, haVer outras mais) : mas não é lícito, sem forçar a interpretação do texto sempre 'em função

(19) [Acadiemia Portuguesa da História, *Documentos Régios*, pp. 92-96, n.º 74].

(20) *Ob. cit.*, ipp. 23-24. GIRÃO louva-se duas vezes no *Elucidário* de VITERBO.

duma hipótese inconsistente, pretender ter encontrado o «ponto de cruzamiento», nem das presumidas estradais romanas nem sequer dias calçadas ou *carreiras* que se haveriam desenvolvido em torno da cidade medieval, pois o passo mencionado apenas alude a quatro (duas cruzadas).

Sempre dentro do mesmo esquema mental, chegamos agora ao lugar que se afigura conter o máximo de inveiosmilhança: o das supostas muralhas dum importante povoação romana. Por um lado, A. GIRÃO considera a Cava como uma obra romana pela «relação que dela pode e dieve fazer-se com o ponto de cruzamento idas estradas romanas em Viiseu» (21). Uma vez mais, a ausência de textos *coevos* e as referências tardias com que se pretende supri-la exigem o mais rigoroso exame crítico. Que os campos fortificados só podiam estar junto das vias de trânsito, é óbvio. A estrada, a cidade e a legião foram os instrumentos fundamentais da romanização, por eles essencialmente se difundiu a língua, principali sustentáculo da espantosa unidade de uma civilização que ia da Hispânia à Dácia e da Mauritania aos confins da Briitânia, sem contar o que, conservando por muitos séculos a sua poderosa individualidade cultural, Roma incorporou do Império de Alexandre. Podemos portanto asseverar que a Cava Sé iposterior, ou quando muito contemporânea, da via que atravessava a Beira Alta c cujo traçado, a não ser numas dezenas ide quilómetros próximo ide Viseu, não foi ainda, sequet conjecturalmente, reconstituído. A 'legião que se abrigava nos seus muros, segundo os costumes e a disciplina do exército, vivia no acampamento mas procurava, nos povoados próximos, víveres, convivência e distrações. Nenhum dos castros (conhecidos foi estudado de maneira sistemática; do pouco que deles ise sabe, parece que a romanização não os teria tocado—à expeção do mais próximo, onde se podem ver, incorporadas na Sé, pedras romanas, restos prováveis de urna muralha. Ble seria asisim como um anexo *social* do grande acampamento militar. Estes dados, embora escassos, excluem, *a priori*, a existência de mais um povoado romano cuidadosamente fortificado.

A reconstituição .duma muralha romana em torno do cruzamento da Rua de São Miguel com a Regueira foi feita por A. GIRÃO (22>

(21) Ob. cit., p. 25.

(22) 06. cit., p. 27.

com base, uma vez mais, no cruzamento das vias romanas que julgou ter encontrado num passo do «testamento» de Fernando Magno, confirmado pelo «Conde Henrique juntamente com minha esposa Teresa» em 1110, aos clérigos da Igreja de Santa Maria, sede episcopal viséense. O texto é o seguinte e parece-me insusceptível da interpretação que lhe foi dada: «Testamentum illud est intus murum vetus, in loco praenominato in illam viam de S. Michaeli, et de illa Regaria 'et concludit cum via publica». A tradução parece ser a seguinte: «Aquele testamento ((listo é, deixa) está dentro 'do muro velho no lugar supramencionado na via de São Miguel «e f (que vem) Ida Regueira e fecha com a via pública» (23).

«Ficamos assim sabendo que 'a estrada de S. Miguel (certamente romana), a Regueira e uma via pública (de certo rua (da *Cidade Velha*, a que aludiremos) ficavam abrangidas por um *muro* já chamado *velho* no princípio do século XII, e mesmo anteriormente, se as mesmas expressões se continham na doação 'de Fernando Magno.

O «muro novo», a que se contrapunha, só pode ser qualquer linha de muralhas que então 'existisse 'em volta do alto da 'Sé, onde assentou o primitivo núcleo castrejo. E, se esta linha de muralhas remonta aos primórdios da dominação leonesa, segundo as referências dos *Chronicons* e o consenso unânime dos antigos e modernos escritores, o «*muro velho*» referido pode recuar-se, pois, a tempos mais remotos, devendo em nosso entender considerar-se como muralha 'construída com o fim de 'defender a encruzilhada das vias romanas, a exemplo do que sucede em Metz, Bolonha, Ruão e outras cidades» (24).

A única certeza que se pode extrair deste texto é a existência dum «muro velho» e de vários caminhos nos lugares da Regueira e de São Miguel, que se conservam na toponímia actual, na rua e no bairro (outro arrabalde) 'a que serve de eixo, e numa capela, cuja forma resulta duma reconstrução de 1758, e marca ainda, neste área, o extremo da cidade, com o adro que abre em parte para o campo e o belo solar suburbano setecentista chamado Casa de São Miguel.

(23) *Documentos Régios*, I, p. 25, n.º 19. Agradeço a Maria José Trindade, medie vista, e a Custódio Magueijo e Segurado Campos, latinistas, terem-me ajudado na interpretação. Todos concordaram que se tratava dum passo pouco claro dum texto em latim «bárbaro» e especialmente desleixado. ARAGÃO, *ob. cit.*, I, p. 86, traduz arbitrariamente «dentro do muro velho da mesma cidade», o que parece ter sugestionado GIRÃO.

(24) A. GIRÃO, *ob. cit.*, p. 27.

Confrontando com atenção os dois textos, vê-se que a Inquirição de 1127 fala de «rua», isto é, de arruamento de casias, sem localização precisa mas que, pelo contexto, se situaria «nas margens do Favia» (onde também se alude a uma leira de terra). Tenido em conta a forte atração que os rios exerceram na constituição de subúrbios das cidades alcandoradas, o mais caudaloso, onde se poderiam instalar moinhos e outros ofícios que precisassem de água para a força motriz ou para a lavagem, é natural que o Favia determinasse a posição do mais antigo, ou mais importante, «arruamento» de mestrais à ilharga da cidade.

A Regueira é, como o nome indica, um colector onde remanesce a humidade mas de curso intermitente e modesto. A confirmação do testamento de 1110, embora se refira a uma deusa anterior de mais de meio século, só tem sentido se admitirmos que os nomes de referência se não haviam modificado — o que se demonstra pela grande estabilidade dum toponímia que chegou até hoje e resiste ainda à própria imposição oficial de nomes novos. O documento conhecido na forma de 1110 (anterior apenas de 17 anos à Inquirição de D. Teresa) fala claramente dum terreno (provavelmente um prédio rústico)!, dentro «do muro velho» (ou «de um muro velho», indeterminação que o texto não permite resolver), no caminho (*via* e não *rua*) de São Miguel c (que vem) da Regueira, a entestar («e fecha») com «o caminho público», sem dúvida diferente, pois doutra forma as confrontações não teriam qualquer sentido. Enquanto o terreno referido no texto de 1127 fica vagamente situado «*in Ribas de Pavia*», a doação confirmada em 1110 é descrita com precisão tanto no local como em parte das extremas. Vale a pena esmiuçar a sua presumível reconstituição topográfica em relação a elementos persistentes da estrutura urbana.

O mapa de «Viseu desde o século xn aos meados /do século xix» de A. GIRÃO indica, Segundo os livros de prazos do Cabido dos séculos xv e xvi<sup>(25)</sup>, o cruzamento de duas ruas: a do Gonçalvilho (hoje Rua do Gonçalinho), que se alinha depois de atravessar a

(25) O Cabido possuiu, sem dúvida, o maior número de prédios da cidade, dos quais alguns próprios e muitos foreiros; os *prazos* (forais) são talvez o mais importante elemento para reconstruir a evolução urbana, tendo A. GIRÃO recorrido largamente a eles na sua monografia, sendo pena que não especificasse os documentos utilizados, indicando apenas, na bibliografia, «Livros die prazos e dízimos do Arquivo da Sé de Viseu».

porta da muralha quatrocentista, e enfia, passado o cruzamento com a Regueira, pela Rua de São Miguel, em direcção ao aidro da já referidla capela de S. Miguel do Fetal e a já míencionada Regueira (26). No mapa da «Aglomeração urbana viseense no século xii» a Regueira corresponde ao eixo maior ida suposta «cidade velha» icingida pelo «muro velho» e continua-se, além 'das portas (27), por «carrearaís» no mesmo rigoroso enfiamento. Um delas conserva até hoje o nome ide Carreira dos Carvalhos, alteração muito moderna

(26) Creio haver aqui um lapso, que a planta de 1864 originou ou perpetuou. Regueira é, genericamente, o nome do arrabalde; a sua rua principal é conhecida por Rua das Bocas ou Rua das Olarias. O primeiro nome provém das gárgulas da Sé, que o Cabido mandou arrancar na vacância de 1720-1740 e o palácio que então se construiu aproveitou como ornato dais suas goteiras; as caramitonhas, cujas bocas escancaradas divertem o transeunte, deram nome à Casa das Bocas e estais por sua vez à rua, de tal modo que o actual (Rua de João Mendes) não conseguiu obliterá-lo. A Rua da Regueira é a continuação da Rua do Gonçalinho, para além das portas da muralha, e, atravessando a IRua das Boas sem dar origem a qualquer alargamento, prossegue pela Rua de São Miguel; lambas portanto tomaram a designação do lugar a que levavam. A Porta de São Miguel ou Arco Ida IRegueira tomou, por sua vez, os nomes do arrabalde e da capela próxima. A origem do nome Regueira está num *thalweg* nos terrenos vagos entre a cerca e os arruamentos do subúrbio; recebendo as imundices da cidade e fertilizando com elas as margens, tinha, nos documentos medievais, o nome de Rio Merdeiro, depois mudado em Rio do Bom Nome (J. COELHO, *ob. cit.*, p. 119, n. 1; cf. A. GIRÃO, *ob. cit.*, pp. 28-29).

(27) (Não me parece sequer necessário refutar o parágrafo de A. GIRÃO «Portas da Muralha romana?» l(Oò. *cit.*, pp. 31-33). A imaginosa «descoberta» delas assenta apenas em interpretações sem base: 1) *estrada do Marmo irai* (a via sudoeste) em que *Marmoiral*, «corrupção» de *memorial*, «designa presumivelmente uma das portas da velha muralha romana»; 2) urna colima, achada perto da saída a noroeste e outra que serve de suporte a um cruzeiro na igreja paroquial do Campo l(a 4,5 km da cidade). Relativamente à primeira, concluiu: «Vimos a coluna em questão não há muito, e a nossa impressão é que não pode considerar-se como marco miliário para o que nos parece perfeita de mais e de altura excessiva, se a compararmos com os outro® miliário® que conhecemos na região. For outro lado, também essa coluna fica a dever muito à suntuosidade dum templo, mesmo de segunda ordem: a nossa opinião é pois que esses vestígios devem ter pertencido a 'alguma porta da muralha primitiva, opinião a que a circunstância de ficarem .sobre a via romana, na extremidade oposta à de S. Martinho, dá todos os visos de probabilidade.». Parece supérfluo qualquer comentário. Procurei a coluna, mas do cruzeiro resta apenas o monólito de granito em que assentava e a base da coluna, cujo perfil não 'entra em nenhum dos cânones clássicos. A. GIRÃO refere-se, por lapso evidente, a Vila Nova do Campo em vez do 'Campo, onde está a matriz da freguesia.

de Carreira dos Cavalos. A planta de 1864, admirável de precisão e muito rica m'ia nomenclatura das ruas, conserva este traçado que, apenas com uma modificação importante no último decénio, chegou aos nossos dias. Entre o casco medieval cingido na cerca de D. Afonso Veo arrabalde da Regueira ficava um vazio, preenchido por quintais mas traseiras dos prédios encostados à muralha e ao longo do eixo principal da Regueira. Isso tomou fácil, sem grandes demolições, a abertura dum novo arruamento: a larga Rua Gapitão Silva Pereira que, como noutra lugar mostrei <sup>(28)</sup>, é uma duplicação da Rua Direita, por onde se faz a circulação automóvel, e onde se instalou um importante comércio «de vitrine», de aspecto moído embora inão luxuoso. No conjunto estamos, pois, neste cruzamento de ruas e nos prolongamentos delas, em presença de uma topografia fixada há muito e cuja observação e interpretação pode esclarecer um passado remoto\*

É evidente que, se 'estes eixos viários pertencessem a uma cidade romana, Cies corresponderiam ao *cardo* e ao *decumanus*, orientados geralmente segundo os pontos cardeais: no cruzamento ideies haveria umia praça. Ora, na famosa «encruzilhada» convergem eixos orientados segundo os pontos colaterais. A regra do *cardo* norte-sul comporta excepções: os aglomerados antigos ou de desenvolvimento espontâneo, e por 'isso menos regular, ie a adaptação de um sítio desfavorável à rigorosa geometria das cidades planeadas. Circunstâncias que, nem uma nem outra, aqui se verificam. A cidade, a ter existido, seria fundada adrede, para nela se cruzarem as duas vias principais dum nó que comportaria outras: logo, os seus eixos seguiriam a orientação marcada pelas regras, tanto mais que, erguido o muro em lugar relativamente plano, a topografia do assento não obriga a qualquer excepção. A rua que serve 'de eixo principal ao arrabalde da Regueira é regular, rectilínea e ampla. A sua largura ultrapassa a das pequenas cidades romanas. Desde o fim do século xii aparecem 'elementos de cidades e vilas alinhados (na Guarda, fundada por D. Sancho I em 1199) ; a época de D. Dinis fez-se notar *por* numerosas fundações de planta regular <<sup>(29)</sup>. Parece

(28) O. RIBEIRO, «A Rua Direita de Visieiu», *Geographica*, n.º 16, Lisboa, 1968\*

(29) JORGE GASPARGAS, «A morfologia urbana de padrão geométrico na Idade Média», *Finisterra*, IV-8, Lisboa, 1969, pp. 198-215.

fora de dúvida a existência de um «muro velho» na Regueira e a continuidade do povoamento, atestada nos séculos xi e xii e provavelmente referida em documentos mais antigos. Não deixará ide notar-se a menção de «rua» nas margens do Parvia e de «vias» na Regueira: permitirá o impreciso formulário dos documentos oficiais da época contrapor *arruamentos* a *caminhos rurais*, embora bordados de casas? Se assim é, estairia documentada a existência de dois arrabaldes, sendo mais antigo e mais suburbano o das margens do Pavia e mais campestre o da Regueira, como parece indicar a oposição da «rua» a «via». Compreende-se assim a ausência dum largo, que o subúrbio da Regueira nunca teve — mais um argumento negativo contra a sua presumível origem romana.

As referências ao «muro (ou muros) velho» serão examinadas no contexto do desenvolvimento de Viseu — a partir da sua aparição na história como diocese sueva. Sem antecipar o estudo que me proponho fazer, nada parece opor-se à ideia de que a urbe episcopal se tenha desenvolvido na sua colina genética e que vários subúrbios antexos se vão formando fora das suas muralhas.

A própria cerca de 1472 os deixará ainda de fora. Por isso eles aparecem claramente individualizados ainda no *Numeramento* de 1527 <sup>(30)</sup>; para um total de 459 moradores temos:

<i>na cidade dos muros adentro.....</i>	354
<i>no arrauãilde de cima.....</i>	46
<i>no arrauãilde de regeyra.....</i>	35
<i>no arrauãilde do arco.....</i>	24

Todos eles relacionados com portas da nova muralha e recebendo destas saídas novo elemento de dinamismo, ascendem, pelo menos os dois últimos, a mais ide dois séculos; a Regueira não oferece dúvidas; o Arralbalde do Arco corresponde, certamente, às casas «arruadas» na margem do Pavia. Esta identificação pode ter-se por segura: nos dois 'extremos do eixo maior da muralha, às saídas, alta e baixa, da Rua Direita, provavelmente anterior a ela <sup>(31)</sup>, o Arralbalde de Cima corresponde ao Cimo de Vila actual (Quatro Esquinas e

<sup>(30)</sup> J. M. T. DE (MAGALHÃES COLLAÇO, *Cadastro da População do Reino, (1527X* Lisboa, 1929, <p. 133.

<sup>(31)</sup> O. RIBEIRO, *art. cit.*

Rua do Cimo da Vília ou dos Andrades, que lhe serve de eixo, no prolongamento da Rua Direita)- te o Arrabalde do Arco à Porta dos Cavaleiros, ou simplesmente o Arco, que deu o nome aos «Fidalgos do Arco», do solar que lhe fica próximo. A carreira dos Carvalhos forma um todo com o Arrabalde ou Ribeira, mia margem ido Pavia, ainida hojie oom vdlh-as casas de andar de ressalto, um comércio humilde, lailguns officios, o mercado de porcos e, no tempo da feira de São Mateus (Setembro), tolda a cascada para a vindima que está próxima.

A cidade parece asiisim, >e desde muito cedo, possuir arrabaldes ou subúrbios, persistentes mas modestos. Tal como na época romana, o acampamento militar da Cava tinha, na colina castreja, uma sorte de anexo social. Sem que, de modo nenhum, e ao contrário do que pretendeu AMORIM GIRÃO, se possa falar de «dualidade de centros urbanos», isto é, de dois centros entre os quais sie iria fazer o desenvolvimento da mesma cidade.

O presente escrito é exemplo de trabalho ingrato, por várias razoes. Por um lado, como geógrafo, tentei utilizar, e apenas para o meu fim de prescrutar as origens urbanas de Viseu, materiais históricos e arqueológicos que se situam já numa margem (distante da ciência que cultivo. Por outro lado, partindo de uma tentativa do mesmo género, cheguei a condlusões geralmente opostas, sem que tivesse caminhado a investigação de base. Para empregar a linguagem dos historiadores, sem que a heurística fizesse qualquer progresso, 'esbocei nova hermenêutica dos materiatis conhecidos. Procurei ao menos fazê-lo dentro do *ostinato rigore* que exige a pesquisa científica lem qualquer ramo e de que o Mestre a quem 'dedico estas achegas nos tem dado exemplo, através das suas luminosas análises, «perfurando» ta fundo pontos limitados mas sempre de interesse geral e aclarados à luz duma sólida e ampla preparação e dum vigoroso temperamento de historiador. Atribuo à insuficiência deisse rigor a inconsistência do trabalho de AMORIM GIRÃO na parte que se refere às origens e primitivo desenvolvimento ide Viseu. O que me foi tanto mais penoso demonstrar quanto este e outros estudos do famoso geógrafo beirão guiaram, há mais de quarenta anos, as minhas primeiras observações na terra que considero sentimentalmente como minha. Não é impossível que a prospecção metódica, com escavações, que nunca se fizeram, neste importante centro

arqueológico, a pesquisa documental em vários arquivos, incluindo o dia Sé, e a utilização sistemática de documentos publicados e dispersos permitam dar consistência a algumas das hipóteses apresentadas, arredar outras e, sobretudo, chegar a conclusões mais apoiadas e, portanto, mais duradouras. Isto me serve de reconforto quanto à fragilidade deste escrito, que sou o primeiro a desejar reconhecer.

ORLANDO RIBEIRO